

# TECNODISCURSIVIDADE E ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA (AD): DIÁLOGOS

## TECHNODISCURSIVITY AND MATERIALIST DISCOURSE ANALYSIS (AD): DIALOGUES

Marcella Macêdo Sampaio de SOUZA<sup>1</sup>

Nadia AZEVEDO<sup>2</sup>

Roberta CAIADO<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de estabelecer uma discussão em forma de diálogo entre a Análise do Discurso Materialista (AD) e a Análise do Discurso Digital (ADD). A AD é reconhecida como aparato teórico-metodológico fundador do campo da análise do discurso, a partir de Michel Pêcheux, e como teoria embasada em fundamentos filosóficos e funcionalistas, mais que tecnicistas, segue sendo suporte para pesquisas relacionadas ao discurso de diversas naturezas. No entanto, com a revolução digital, demarcada pelo uso praticamente universal da internet, estudiosos do discurso, com destaque para Marie-Anne Paveau, propuseram um novo aparato teórico-metodológico (a ADD) cujo objetivo seria proporcionar suporte mais adequado às análises dos discursos nativos digitais, alegando que as teorias existentes são insuficientes para este fim. Com este estudo, pretendemos demonstrar que a AD, embora tenha sua origem localizada em outro contexto sócio-histórico, é perfeitamente suficiente para suportar as análises de discursos materializados em ambiente digital. No nosso entender, embora haja valor nos questionamentos que geraram a ADD, esta finda por se tornar quase estruturalista em sua perspectiva classificatória, subvertendo conceitos e preceitos fundamentais para a AD, tais como gesto de interpretação, condições de produção e a relação sujeito e ideologia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: marcellamsouza@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: nadia.azevedo@unicap.br.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: roberta.caiado@unicap.br.



## PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Digital. Análise do Discurso. Pêcheux. Paveau.

## ABSTRACT

This article aims to establish a discussion in the form of a dialogue between Materialist Discourse Analysis (DA) and Digital Discourse Analysis (DDA). DA is recognized as the founding theoretical-methodological apparatus of the field of discourse analysis, starting with Michel Pêcheux, and as a theory based on philosophical and functionalist foundations, rather than technical ones, it continues to support research related to discourse of different natures. However, with the digital revolution, marked by the practically universal use of the internet, discourse scholars, notably Marie-Anne Paveau, proposed a new theoretical-methodological apparatus (the DDA) whose objective would be to provide more adequate support for digital natives discourses analysis, claiming that existing theories are insufficient for this purpose. With this study, we intend to demonstrate that DA, although its origins are located in another socio-historical context, is perfectly sufficient to support the analysis of discourses materialized in a digital environment. In our opinion, although there is value in the questions that generated the DDA, it ended up becoming almost structuralist in its classificatory perspective, subverting fundamental concepts and precepts for the DA, such as gesture of interpretation, conditions of production and the relationship between subject and ideology.

## KEYWORDS

Discourse. Digital. Discourse analysis. Pêcheux. Paveau.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre os discursos nativos digitais<sup>4</sup> é cada vez mais relevante para o campo dos estudos da linguagem, seja porque boa parte dos textos (verbais ou não-verbais) a que temos acesso está disponível em ambiente

---

<sup>4</sup> “O discurso digital nativo é o conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas de escrita” (Paveau, 2022, p.36). Percebam que esta definição, encontrada na introdução da obra *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*, não leva em consideração os discursos não-verbais.



digital, seja por causa dos avanços tecnológicos - inteligência artificial generativa, principalmente - que vêm transformando a nossa relação com a materialidade discursiva.

Não resta dúvida que é necessário que os pesquisadores da linguagem se debrucem sobre este tema com atenção; muitas das questões que impactam a sociedade contemporânea têm origem e se manifestam discursivamente em ambiente digital, desde a propagação de fake news por meio das redes sociais digitais até as ferramentas de geração de textos como o Chat GPT e o Bard<sup>5</sup>. São processos que produziram mudanças profundas na forma com que os sujeitos se relacionam com os discursos circulantes e realocaram referências de autoridade, autoria, poder, hegemonia, silenciamento, voz, entre outras.

Estas transformações vêm sendo estudadas pela ciência da linguagem desde os anos 1990, a partir de pesquisas sobre hipertextualidade<sup>6</sup>. “No coração do hipertexto se encontra, na verdade, o *link*, que questiona fortemente as noções de escritura, de texto e de discurso” (Paveau, 2020, p.45). De acordo com este ponto de vista, a leitura, a partir do link, torna-se não linear, e permite que o leitor produza sentidos de maneira relativamente individual, restringindo as possibilidades de que o autor imponha um percurso específico

---

<sup>5</sup> Ferramentas de processamento de linguagem natural orientadas por tecnologia de Inteligência Artificial. O chat GPT foi criado pela empresa Open AI e o Bard pertence ao grupo Google.

<sup>6</sup> “O hipertexto é uma tecnologia da informação na qual um elemento - o link - desempenha um papel crucial. (...) Todas as principais características culturais e educativas desse médium decorrem do fato de que o link cria um novo gênero de conectividade e de escolhas para o leitor. O hipertexto é, portanto, para falar apropriadamente, uma escrita multisequencial ou multilinear mais que não linear (Landow 1996: 157; citado e traduzido em Ertzscheid 2002:129)” (Paveau, 2022, p,248). Neste mesmo capítulo, a autora já fala da obsolescência do hipertexto, provocada por uma mudança em curso no design das páginas digitais e um retorno das formas narrativas e dos modelos de página única (idem, p. 254-255).



para aquele texto. Mas, em algum momento foi possível determinar um caminho para o sentido? Falaremos mais sobre isso.

No início dos anos 2000, o linguista Luiz Antônio Marcuschi já questionava a capacidade da linguística, com as ferramentas de que dispunha naquele momento, de analisar e compreender a textualidade que as novas tecnologias estavam produzindo.

A pergunta final é a seguinte: de que novo tipo de linguística estamos precisando para dar conta de tudo o que as novas tecnologias produzem? Não sei. Mas sei que a linguística tal como está definida hoje não serve a esses propósitos. Nestas reflexões não foi tentada uma nova saída, mas uma saída para o descarte de algumas posições que ainda não podem justificar uma nova linguística, mas podem justificar um esforço no sentido de uma nova descrição etnográfica dos tipos de eventos analisados. Tudo indica que a linguística está diante de um fenômeno que a obriga a rever alguns dos seus postulados teóricos (Marcuschi, 2004, p. 66).

É preciso ressaltar que Marcuschi se filiava, como pesquisador, à Linguística Textual, embora muitos de seus posicionamentos tenham se modificado ao longo da sua trajetória. Mesmo assim, ele não se tornou um analista do discurso; manteve sua posição de linguista de texto por toda a vida. O que queremos dizer é que Marcuschi, ao afirmar que a linguística não dava conta de compreender as especificidades do discurso nativo digital, referia-se a este campo em específico. Fazemos esta ressalva porque, atualmente, fala-se em “análise do discurso digital”, e não em “linguística textual digital”, tendo como referência principalmente a pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau.

Paveau defende que é necessário criar um novo arcabouço teórico-metodológico para analisar discursos nativos digitais. Assim, de acordo com



ela, a Análise do Discurso (cuja vertente não é explicitada - não sabemos se a autora se refere à AD Materialista, à Análise Dialógica do Discurso ou à Análise Crítica do Discurso, ou a todas em conjunto), seria incapaz de sustentar teórico-metodologicamente as pesquisas cuja materialidade é recortada de ambientes digitais.

A análise do discurso digital cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet. Os discursos produzidos on-line possuem características linguísticas, nomeadamente morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas em geral, das quais o corpus teórico da análise de discurso em contexto pré-digital, baseado em uma concepção tradicional das ciências da linguagem, não é capaz de considerar: não está, por exemplo, equipada para dar conta do funcionamento de uma hashtag, para caracterizar uma URL, para descrever formas digitais do discurso relatado (tecnodiscurso relatado) ou mesmo para analisar as formas de classificação automática dos enunciados on-line (através dos buscadores, por exemplo) (Paveau, 2022, p. 65).

Paveau defende também uma linguística “simétrica”, ou seja, que “confere um lugar equivalente ao languageiro e ao não-languageiro (...) estabelecendo um contínuo entre as matérias languageiras e seus ambientes de produção” (2022, p.65-66), referindo-se ao que é próprio da linguagem e ao que é próprio da máquina. A descrição da pesquisadora sobre as limitações da “análise de discurso em contexto pré-digital” ignora, ao nosso ver, que todos os exemplos citados são movimentos que, embora recentes, fazem parte da linguagem humana e produzem sentido. Se são linguagem (tudo é) e produzem sentido (tudo produz), podem ser analisados com o suporte da Análise de Discurso (qual seja) - desde que estejamos falando, naturalmente, de ciência da linguagem, e não de ciência de dados de natureza quantitativa e classificatória. Desta forma, este estudo tem como objetivo discutir o que



vem sendo chamado de Tecnodiscursividade por pesquisadores filiados à Análise do Discurso Digital (ADD<sup>7</sup>), em contraponto aos conceitos propostos pela Análise do Discurso Materialista Pechêutiana (AD).

### **AD MATERIALISTA, AD DIGITAL E DISCURSOS NATIVOS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

Para estas reflexões, partiremos da relação entre a Análise do Discurso Materialista (AD) e os discursos nativos digitais, discutindo sobre as possibilidades ou não deste aparato teórico metodológico permitir a compreensão dos fenômenos discursivos que surgem com as inovações tecnológicas. Também faremos uma comparação entre o que diz quem afirma que é necessária uma nova teoria para analisar os discursos nativos digitais - no caso, a Análise do Discurso Digital - e o que propõe a AD.

Nossa hipótese é de que sim, é possível estudar o discurso produzido em ambiente digital utilizando a AD como suporte, uma vez que ela propõe um olhar para a linguagem que é, em primeiro lugar, filosófico. Ou seja, coloca-se em uma posição reflexiva sobre o funcionamento do discurso na sociedade para além dos seus efeitos imediatos, embora esteja atenta a estes efeitos. Não estamos dizendo com isso que não seja necessário considerar as mudanças evidentes e profundas que a digitalização da vida vem causando no mundo e nos discursos, mas apenas que a AD produziu um pensamento robusto o suficiente para abarcar o fenômeno.

A AD foi proposta pelo filósofo Michel Pêcheux no final da década de 1960, no livro *Análise Automática do Discurso (AAD/1969)*, marco inicial de

---

<sup>7</sup> Não confundir com a corrente teórica da Análise Dialógica do Discurso, cuja principal referência é o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin.



uma forma de pensar a linguagem que, ao longo do tempo, irá se remodelar muitas vezes, inclusive por meio do próprio Pêcheux. Estranho seria se isso não acontecesse - a AD opera a partir de regularidades, sim; mas também de falhas, deslocamentos, contradições e deslizos que são constitutivos do processo discursivo. Desta forma, avança, adaptando-se às novas maneiras de produzir e compreender os discursos circulantes.

Na obra “Estrutura ou Acontecimento”, Pêcheux traz uma abordagem muito interessante sobre os procedimentos da análise do discurso enquanto ciência, levantando essa aparente contradição que é observar e analisar o objeto a partir de suas regularidades sem deixar de levar em conta o inédito do evento. Na prática, é exatamente isso que fará com que a AD seja particularmente adequada à interpretação do discurso, considerando que o discurso é esse espaço de mobilidade, atualizações e reconfigurações da língua, atravessado pelo percurso da história e do sujeito histórico. O foco apenas na regularidade, ou na especificidade de determinado texto, termina por “apagar o acontecimento” (Pêcheux, p.56), uma vez que aquele discurso passa a ser interpretado a partir de sua forma e suporte, prioritariamente.

Este ponto desemboca sobre a questão final da discursividade como estrutura ou como acontecimento. A partir do que precede, diremos que o gesto que consiste em inscrever tal discurso dado em tal série, a incorporá-lo a um “corpus”, corre sempre o risco de absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série na medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão. A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora (idem).



Neste trecho do texto, Pêcheux chama a atenção para o risco que corremos ao propor interpretações discursivas muito associadas à forma do discurso ou à sua suposta regularidade. Este tipo de abordagem subverteria a proposta primeira da AD, que é a de entender o discurso como texto além da estrutura, onde nenhum sentido é natural.

A Linguagem, compreendida como este lugar maior onde nossa humanidade é, ou seja, a partir de onde manifestamos o que nos faz humanos, produz efeitos de sentido que apenas o aparato estrutural da língua - este sim - não dá conta de compreender. Neste contexto, inicialmente a partir de Saussure, Pêcheux propõe uma abordagem inovadora para os estudos da linguagem, e mobiliza três pilares para sustentá-la: a Língua, a Ideologia e o Sujeito. Cada um desses pilares está amparado, por sua vez, em uma conceituação específica, que os determina e localiza no campo da AD. De acordo com Orlandi (2002, p.19-20),

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. Assim, para a Análise de Discurso:

- a) a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b) a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);



- c) o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Está explicitado na fala de Orlandi que a AD **não separa** a estrutura do acontecimento, e portanto **sempre** considerou as condições de produção dos discursos. Não há novidade em observar um fenômeno discursivo de maneira contextual, e neste caso estão inseridas todas as correntes da Análise do Discurso.

“O que são pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso (...). Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (Orlandi, 2002, p.30).

O que seria a revolução tecnológica senão o contexto sócio-histórico no qual estamos inseridos? Naturalmente, a partir daí surgem toda uma gama de fenômenos novos que precisam ser observados, dissecados, mas não significa dizer que não possam ser analisados com o suporte da AD materialista (também as demais, mas aqui fazemos este recorte). Se nos detivermos de forma muito localizada nos fenômenos em si, sem ampliar a observação para um contexto mais amplo - por exemplo, nos movimentos e características próprias de determinada rede social -, correremos o risco de ficar obsoletos muito rapidamente, já que as mudanças neste ambiente são mais aceleradas do que as pesquisas acadêmicas conseguem acompanhar.



Dizemos isso porque observamos na teoria de Paveau uma tendência à classificação esquemática muito presente, que rapidamente exige atualizações.

Paveau propõe “uma abordagem ecológica do discurso, que toma por objeto não mais apenas elementos linguageiros através de marcadores, mas o conjunto de ambiência no qual eles são elaborados” (2013). Segundo ela, essa abordagem seria fundamental para analisar os discursos nativos digitais - posicionamento do qual não discordamos. A ambiência, para a AD, também é parte indissociável da análise de qualquer materialidade discursiva.

A perspectiva ecológica parece-me necessária para a análise dos discursos digitais nativos por três razões: as formas digitais nativas possuem *componentes tecnológicos*, que faltam numa análise linguística tradicional; a elaboração dos discurso *on-line* faz sobressair uma escrita que integra gestos enunciativos (clicar, *scroller*, teclar); os tecnodiscursos possuem uma *dimensão relacional* potencialmente ligados uns aos outros (Paveau, 2020, p.55 - grifos da autora).

Fica pouco claro o que a autora quer dizer com “análise linguística tradicional” - seria a linguística textual? De qual vertente? Os componentes tecnológicos, ao nosso ver, compõem as condições de produção sobre as quais falamos antes. A “dimensão relacional” dos “tecnodiscursos” (que aqui consideramos simplesmente discursos), também é constitutiva do percurso analítico da AD, e seus mecanismos podem ser observados também por meio do interdiscurso e do esquecimento número 2. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2002, p.31).

O esquecimento número 2 se relaciona com o que a AD vai chamar de interdiscurso, conceito que remete aos pré-construídos, ou seja, aos enunciados que circulam e dão suporte à elaboração do nosso discurso - em



relação com o que já é, enunciamos a partir das nossas posições de sujeito. “O fato de que há um já-dito, que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (Orlandi, 2002, p. 32). O interdiscurso é “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (idem, p.31), sustentando e suportando o que é enunciado agora e será depois, em um fluxo contínuo e interdependente. Ou seja, **todo** discurso se constrói em relação a outro (s), sem exceção.

Comprendemos, claro, que Paveau está se referindo à dinâmica relacional constitutiva da enunciação em ambiente digital - curtidas, compartilhamentos, comentários, etc. -, e que este movimento é estruturante para o conceito de *escrileitura*<sup>8</sup>, por sua vez basilar para a AD digital. Conceito, aliás, que consideramos muito interessante, uma contribuição importante para a compreensão dos fenômenos discursivos atuais. Com a revolução digital, a dimensão relacional dos discursos torna-se mais evidente, no sentido de visível, o que não significa dizer que as camadas ideológicas constitutivas das escolhas (escolhas? Para a AD, o sujeito assume posições e se inscreve em Formações Discursivas - “aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - **determina o que pode e deve ser dito**” (Orlandi, 2002, p.43 - grifo nosso)) enunciativas dos sujeitos não estejam presentes e produzam sentido da mesma forma que antes - ou seja, de maneira não transparente. A questão

---

<sup>8</sup> “O termo *escrileitura* é a tradução do neologismo proposto em 1992 pelo pesquisador português Pedro Barbosa, em sua tese intitulada *Metanorfozes do Real. Criação Literária e computador* (Barbosa, 1992). A noção será desenvolvida alguns anos mais tarde no seu livro *A ciberliteratura. Criação literária e computador* (Barbosa, 1996). A *escrileitura* designa a fusão de duas atividades de leitura e escritura implicadas pelos hipertextos e se adequa totalmente ao modo de existência do DH (discurso hipertextualizado)” (Paveau, 2020, p.52).



é que é nesse lugar, de compreensão das camadas diversas e sobrepostas dos enunciados circulantes, que queremos chegar, como analistas de discurso.

O fato de observarmos que a forma de produzir sentido mudou se encerra aí - mudou, todos concordamos. Quais os efeitos de sentido produzidos a partir dessa mudança? O que uma hashtag, por exemplo, provoca em termos de movimentação sócio-discursiva? Como essa possibilidade de reunir enunciados a partir da hashtag impacta na produção dos textos e seus **efeitos de sentido**? A análise de uma materialidade discursiva vai além de entender os seus mecanismos técnicos de funcionamento; a multiplicidade de percursos que os sujeitos fazem para produzir sentido não começou com o hipertexto. Não estamos afirmando que a ADD não considera o sentido - afirmamos, sim, que os argumentos usados para justificar a criação de um novo aparato teórico-metodológico puseram de lado a característica mais marcante da análise de discurso, que é seu alcance pervasivo.

Como disse, em texto já agora antigo, antes da análise de discurso, linguagem era um apêndice no estudo das ciências humanas. Depois da análise de discurso, nenhuma ciência se pensa sem pensar o discurso. Essa é a força desse objeto discurso e do que pode fazer uma boa teoria (M. Pêcheux). E, com seus desenvolvimentos, a análise de discurso avança, o conceito discurso e os tipos de análise produzem uma mudança do lugar e alcance da análise de discurso no campo das ciências (Orlandi, 2017, p.40).

Orlandi considera as mudanças no interior da teoria, e é natural que assim seja. Ao trabalharmos com a AD, estamos relacionando conceitos não estáticos e condições de produção sempre em movimento - as famosas “falhas no ritual” citadas por Pêcheux (2014, p.277). Utilizar a AD, como suporte teórico metodológico, é uma escolha do (a) pesquisador (a), não uma



ação determinada pelo tipo de corpus ou pelas mudanças sociais em curso. Da mesma maneira, com a ADD - é necessário, inclusive, que tenhamos acesso a pesquisas desenvolvidas a partir dela para que as nossas reflexões se consolidem. Em uma breve revisão, encontramos alguns trabalhos discutindo os conceitos das teorias em questão, mas não uma pesquisa cuja materialidade fosse analisada com o suporte da ADD.

Algumas questões postas pela ADD estão, a nosso ver, deslocadas. Quando se fala em corpus, por exemplo, uma série de perguntas são levantadas, entre elas: “A quantidade de enunciados torna-se, portanto, duplamente inumerável: à enumerabilidade dos enunciados primeiros acrescenta-se a dos enunciados segundos. Como, nestas condições, constitui-se um corpus de tecnodiscurso?” (Paveau, 2021, p.147). Às quais responderemos: como sempre. Ou seja, por meio de um recorte definido pelo (a) pesquisador (a) e seu (sua) orientador (a), a partir de critérios específicos, estabelecidos de acordo com os objetivos da pesquisa. Claro que a multiplicidade de enunciados disponíveis em ambiente digital pode alterar a forma de recortar esse corpus, e eventualmente exigir uma abordagem quantitativa - mas isso será definido com base nos objetivos que o (a) pesquisador (a) pretende alcançar. Como estas, outras questões são postas de forma a relativizar as soluções (ou caminhos) que o aparato teórico-metodológico da AD construiu ao longo do tempo.

É curioso observar também que, embora tenha sido batizada de Análise do Discurso Digital, a ADD propõe práticas que se inscrevem em uma perspectiva da linguística textual mais que da análise do discurso, e aqui não fazemos nenhum juízo de valor - apenas destacamos que talvez essa identificação com o discurso não seja exata. Vejamos um trecho de texto escrito por Paveau no livro “Texto, Discurso e Argumentação” (p.51):



As implicações para a análise linguística são variadas. Inicialmente, coloca-se uma questão de identificação categorial dos tecnossegmentos: a morfologia não possui uma categoria que possa descrever uma URL (é uma frase? uma palavra?), nem uma palavra ou segmento clicável. Seria pouco satisfatório e, ademais, problemático para as etiquetas automáticas não atribuir categoria às URL, e redutor continuar a nomear os tecnossegmentos pelas partes dos discursos tradicionais sem dar conta de sua clicabilidade. Os termos *tecnopalavra* e *tecnossegmento*, e mais amplamente o paradigma do *tecnolinguajeiro/tecnodiscursivo* constituem uma proposição neste sentido. Em seguida, como dar conta da carga tecnológica desses tecnossegmentos, de sua função pragmática de abertura em direção aos textos-alvo e de seu potencial manipulatório?

São questões que não fazem parte do repertório da AD, que está muito mais interessada em entender como funciona o discurso, a partir dos seus efeitos de sentido, do que em classificar os textos morfologicamente. Não é um problema, para a AD, definir se uma URL é frase ou palavra - o que importa é entender como a URL produz sentidos, em que contextos e para quais sujeitos. O “potencial manipulatório” citado acima é, no nosso entender, tão presente no hiperlink quanto em qualquer discurso circulante, assim como é e sempre foi impossível determinar o percurso que um leitor fará ao se deparar com um texto (texto aqui considerado como tudo aquilo que produz sentido). Outras formas de tentar “orientar” o olhar do outro para sentidos que queremos destacar já existiam antes do hiperlink, tais como o próprio design, o que não quer dizer que aquele não seja mais explícito, mais marcado - e, neste caso, menos efetivo em seu objetivo de manipular, talvez? Novos formatos, bem mais “orgânicos”, por assim dizer, já se apresentam, contribuindo para asseverar o que dissemos antes sobre a rápida obsolescência de uma abordagem classificatória dos discursos



nativos digitais. O destaque que é dado ao hiperlink pela ADD perde efeito quando consideramos que os discursos digitais mais populares no nosso tempo (este artigo foi finalizado em 2024) são vídeos de curtíssima duração, e que as derivações para outros conteúdos no ambiente das redes sociais digitais quase não acontece via clique, mas se dá via algoritmo, principalmente. Como se fosse espontânea.

A manipulação, no nosso entender, tem mais sucesso quanto mais é percebida como “natural”, ou seja, quanto menos é percebida. Afinal, todos queremos ser senhores do nosso dizer, e esta é uma condição que nos atravessa desde que o homem passou a se acreditar senhor de si; desde quando o paradigma iluminista tornou-se referência para a cultura e para a ciência. Porém, o que a AD nos apresenta é que não somos, ou somos somente nas brechas e fissuras de nossa subjetividade, e precisamos lidar com isso com o grau de consciência que nosso ser assujeitado permite. Além disso, como afirma Denise Maldidier, a AD de Pêcheux propõe a “desestabilização das positivities” (2003, p.16), o que não condiz absolutamente com o argumento que afirma ser necessária uma nova teoria para analisar as mudanças advindas da conjuntura sócio-histórica em si.

Mas o longo caminho que nos propôs Michel Pêcheux nos preparou para apreender, para além de sua dificuldade, esta “teoria do discurso”, que é também uma teoria do sentido. Através de sua linguagem conceptual, o que Michel Pêcheux quer dizer é talvez algo muito simples. O sentido não é dado mais do que o sujeito. Sentido e sujeito são produzidos na história, em outras palavras, eles são determinados (Maldidier, 2003, p.51).

Em resumo, o que percebemos é que são formas distintas de olhar para o objeto, e que não cabe, neste caso, propor uma “substituição” da AD



pela ADD baseada no fato de que as condições de produção de determinados discursos foram alteradas, pois estas estão sempre em movimento. Ainda que sejam movimentos que promovam rupturas paradigmáticas, a AD sempre será capaz de nos oferecer caminhos para a compreensão dos percursos do sentido no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorreremos sobre situações novas e desafiadoras para os estudos discursivos, com certeza, e não estamos desmerecendo o robusto trabalho de classificação e conceituação destes movimentos realizado pelos proponentes da ADD, em particular Marie-Anne Paveau. Nossas observações, no entanto, dão conta de que não é legítimo afirmar que a AD não dá conta de estudar os discursos digitais nativos. É necessário considerar que a transformação nas práticas sociais e discursivas causadas pelos avanços tecnológicos digitais é componente do contexto sócio-histórico no qual estamos inseridos, e que, a partir daí, é possível pensá-la.

A contribuição dos estudos de Paveau para a análise do discurso se dá justamente neste lugar - de descrição, classificação e reflexão acerca dos fenômenos discursivos que surgem com a revolução tecnológica digital. Entendemos que podem ser muito interessantes para estabelecer tanto os parâmetros que irão compor as condições de produção das pesquisas em AD como a própria análise do corpus em si, já que as análises discursivas materialistas são realizadas neste “entremeio” - “sempre e permanentemente devemos nos colocar na posição de entremeio e discutir as contradições que esta posição produz, as metáforas de que a ciência lança mão para



se compreender e que constitui o seu contexto como obra científica” (Orlandi, 2017, p.49).

Não temos dúvida de que um vasto caminho ainda será percorrido no sentido de compreendermos as profundas alterações na forma de produzir e reproduzir discursos a partir da revolução digital, e que estas análises ganharão em alcance, profundidade e consistência se consideramos que o mais importante numa pesquisa discursiva é trazer para a superfície o que está escondido abaixo da ponta do iceberg. Neste caso, sempre pensando a linguagem para além do sistema, “mas como um real específico, formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades” (Pêcheux apud Orlandi, 2017, p. 47).

O Real se transforma; a Teoria acompanha. Esperamos poder seguir com esse debate, sempre de maneira muito respeitosa, e dialogar com quem pensa diferente de nós.

## **REFERÊNCIAS:**

BRITO, M. A .P; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). **Texto, discurso e argumentação (traduções)**. Campinas: Pontes, 2020.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2017.



PAVEAU, M. A. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas.** Campinas: Pontes, 2022.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso.** Campinas: Unicamp, 2014.

Data de recebimento: 06/08/2024

Data de aprovação: 30/09/2024

